

## **“SER UM PRETO TIPO A CUSTA CARO” ENTRE A LANÇA E A ESPADA: A BUSCA PELA DESCONSTRUÇÃO DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL A PARTIR DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DO GRUPO RACIONAIS MC’S<sup>1</sup>**

### **"BE A BLACK TYPE A MUCH IS EXPENSIVE" THE BOOM AND SWORD: THE SEARCH FOR DEMOCRACY MYTH DESCONSTRUÇÃO RACIAL FROM PRACTICE OF RATIONAL GROUP DISCURIVAS MC 'S**

Flávio Henrique da Silva<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

Objetiva-se com este trabalho, trazer debates atualizados acerca da questão racial presente nas letras musicais do grupo Racionais Mc's. Tentaremos contextualizar como a temática do racismo tão debatida no meio acadêmico e científico pode ser rediscutida a partir das manifestações artísticas (neste caso através da música). Presentes em um meio em que diversas discussões acerca das mazelas sociais vêm à tona, entendemos as letras dos racionais como uma representação das realidades sociais e vivências de determinados indivíduos e grupos marginalizados: as periferias são um exemplo. Podemos encontrar em suas letras campos de discussões férteis no que se refere a temática racial e da desigualdade social. Entendemos que a realidade atual do país carece de maiores esforços de discussão acerca das questões raciais, ou que este círculo de debates ainda está preso a um academicismo institucional, realidade que faz com que estas práticas discursivas permaneçam restritas a alguns grupos. Julgamos que as letras do grupo Racionais Mc's podem trabalhar com a temática em questão de forma pedagógica e educacional, desconstruindo algumas assimetrias, e ampliando o debate. Compreendemos que a aplicabilidade da democracia racial no Brasil, a partir da obra de Freyre(1933), fortalece as noções comuns acerca do debate racial. A necessidade de “falar sobre” é articulada através da música e de outras manifestações da arte, perfazendo conjunturas, heterogêneas, o que faz da arte, importante força motriz da crítica social.

**Palavras Chaves:** Representação. Racionais Mc's. Democracia. Periférico.

#### **ABSTRACT**

Objective with this work, bring updated debates about the race issue in this musical letters Racionais Mc's group. We will try to contextualize, as the theme of racism, as discussed in the academic and scientific environment, it can be rediscussed from artistic events (in this case through music). Present in a medium in which several discussions about social problems come to the fore, we understand the lyrics of the rational as a representation of social realities

---

<sup>2</sup> Graduando em Pedagogia pela UEG, Graduado em História, Esp. em Políticas e Gestão da Educação Profissional, Membro do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Formação Humana (NETEFH) do IFG- Campus Goiânia, Membro da Academia de Letras Cultura e Artes de Inhumas-Go, Mestrando em sociologia pela FCS/UFG com bolsa Capes demanda Social.

and experiences of certain individuals and marginalized, peripheries are an example.. We can find in his lyrics, fertile fields discussions regarding racial and social inequality theme, as will be done here. We understand that the current reality of the country needs further discussion of efforts on racial issues, or that this discussion circle is still tied to an institutional scholarship, reality that makes these discursive practices remain restricted to some groups. We believe that the letters of Racionais Mc's group can work with the theme in a matter of pedagogical and educational way, deconstructing some imbalances, widening the debate.the applicability of racial democracy in Brazil, from the work of Freyre (1933), strengthens the common notions about racial debate. The need to "talk about" is articulated through music and other art manifestations, making junctures, heterogeneous, which makes art important driving force of criticism social .

**KEY WORDS:** Representation. Racionais Mc's. Democracy. Peripheral.

## INTRODUÇÃO

No final do século XIX e início do XX, houve um substancial aumento nas tentativas de interpretações e explicações sobre o que é o Brasil e quem são os brasileiros. Foram realizadas diversas abordagens por intelectuais ligados aos mais distintos setores da produção do conhecimento, desde, as ciências humanas à produção literária, como: Cunha (1902), Lobato (1914), Ramos(1917), Freyre (1933) e Holanda (1936). Entretanto, grande parte das abordagens deste período, enviesavam-se por teorias biológicas deterministas e com a perspectiva da miscigenação benéfica entre as raças.

Não obstante, não trata-se aqui de uma crítica descabida e ingênuas sobre as produções dos autores que são adjetivados como clássicos no pensamento social brasileiro. Pois, os mesmos são de extrema relevância para a compreensão das produções científicas contemporâneas e da naturalização de algumas ações depreciativas com indivíduos e grupos marginalizados no meio social. De acordo com Veloso e, Tavoraro:

Revisitá-los em hipótese alguma resume-se a mero exercício de curiosidade intelectual, simples passeio a um museu de ideias estéreis. Trata-se, antes, do reconhecimento de que com eles- e por

Flávio Henrique da Silva. “Ser um preto tipo a custa caro” entre a lança e a espada: a busca pela desconstrução do mito da democracia racial a partir das práticas discursivas do grupo racionais MC’S<sup>1</sup>

meio deles- esforços distintos de compreensão e explicação da sociedade brasileira contemporânea têm, de fato, maiores chances de alcançar êxito (2011, p. 2).

Essa aparente *obsessão*, para se apresentar uma interpretação do que é e de quem somos nós, ainda perdura nos meios acadêmicos da contemporaneidade e continua sendo reverberada com avidez no meio social. Nas palavras de Ianni “o Brasil é uma nação em busca de conceito, uma nebulosa movendo-se no curso da história moderna em busca de articulação, direção” (2002, p.180).

Tal preocupação, de se encontrar uma formatação para nossa sociedade e nosso território, perpassou entre teorias conceituais que até os dias de hoje ecoam em nosso meio muitas alimentando rotineiramente a existência da democracia racial e em uma relação embasada pela harmonia dos opostos. Assim, as marcas que os primeiros intelectuais desta temática nos legaram, transfiguraram-se em verdades absolutas no meio social. De acordo com Foucault:

A verdade é deste mundo; e ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentadas de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros, os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (1975, p.12).

Essas verdades são comumente retratas em discursos, seja no meio acadêmico, em rodas filosóficas de *butiquins* ou através dos veículos midiáticos, acarretando assim, legitimidades e proporcionado a reprodução de uma consciência social atrofiada sobre a formação da sociedade brasileira. Discursos como, “no Brasil não existe preconceito”, “todos têm as mesma chances, basta cada um se esforçar”, “se o negro quer igualdade, porque existem cotas?” ou “existe um racismo inverso”, são facilmente visualizados em Revista Científica FacMais, Volume VII, Número 3. Ano 2016/2º Semestre. ISSN 2238-8427.

nosso cotidiano. Podemos ainda exemplificar com as novelas e propagandas que, frequentemente, tratam a questão da participação e inserção do negro(a) na sociedade de forma subalterna, marginalizada e estereotipada.

Torna-se aqui necessário evidenciar que, por mais que ocorram esforços por parte dos intelectuais desta temática e das produções científicas, em desconstruir o mito da democracia racial, é possível perceber a existência de um distanciamento entre teoria e prática. Ressalto que não estou excluindo todas as lutas organizadas por grupos, movimentos ou coletivos que, incansavelmente travam lutas diárias para a desconstrução deste mito, mas tenciono as reflexões sobre a permanência deste discursos dentro de ambientes educacionais, seja em quais níveis for, neste caso, entre uma parcela de secundaristas.

Desta forma, o presente trabalho tencionará suas análises, afim, de rediscutir a distância entre as produções acadêmicas e as práticas educacionais cotidianas realizadas por docentes do ensino básico. Para alcançarmos o nosso objetivo, julgamos que a empregabilidade de novos recursos didáticos e novas metodologias são de extrema importância para a desconstrução do mito da democracia racial. No entanto, a preparação dos docentes e a aproximação que o mesmo detém da realidade de seus discentes não podem de forma alguma serem deixadas em segundo plano.

Tendo como pano de fundo, as letras músicas do grupo racionais Mc’s como pratica pedagógica e educacional, este trabalho versará com a seguinte problemática, as dificuldades na desconstrução do mito da democracia racial que está arraigado e internalizado no meio social brasileiro.

Os dados da minha análise se baseiam nos sumários dos livros didáticos da disciplina de sociologia do ensino médio da rede privada de ensino do estado de Goiás, especificamente da cidade de Inhumas. Buscamos dar enfoque na representação dos grupos marginalizados nos capítulos ofertados por este material didático, fazendo assim, um contraponto entre teoria, prática e a realidade cotidiana dos discentes e docentes. Tanto a escolha das turmas e

da disciplina se deram a partir da minha experiência enquanto docente de sociologia e por estar inserido no mercado da educação privada.

## **1 APONTAMENTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL**

Sendo considerado, por grande parcela da academia científica, como o *criador* do termo democracia racial, Gilberto Freyre, compõe um seleto grupo de intelectuais brasileiros que produziram obras de uma grande envergadura em nosso meio. Ao lado de nomes como, Darcy Ribeiro (1995), Sergio Buarque de Holanda (1936), Antônio Candido (1964), Florestan Fernandes(1972), Caio Prado Jr(1942) e Euclides da Cunha(1902), dentre tantos outros intelectuais, Gilberto Freyre buscou dar uma “cara” para o Brasil e para o povo brasileiro, mostrando aspectos até então silenciados na formação da nossa sociedade. De acordo com Strieder:

Até a publicação de “*Casa Grande & Senzala*” por Gilberto Freyre, em 1933, predominava no Brasil a tese de que o atraso brasileiro se devia ao mal da mestiçagem. Acreditava-se, inclusive, num branqueamento progressivo da população. Neste sentido, o projeto de imigração para o Brasil, desde a independência em 1822, visava trazer apenas populações brancas. As elites políticas brasileiras acreditavam numa diferença racial essencial ( 2001, p.15).

Apoiando-se em um darwinismo social e em uma benéfica miscigenação entre as raças, os reflexos de suas obras ainda são latentes nas produções contemporâneas e foram materializados em diversos monumentos espalhados pelo país- como o monumento das três raças no centro da cidade de Goiânia-Go. Nas produções acadêmicas, a utilização destes clássicos se dão em uma via de mão dupla, ou seja, elas são realizadas no sentido de desmitificar os cânones ou são utilizados como base teórica conceitual para, a afirmação da benéfica miscigenação e a reafirmação da existência de uma democracia racial como, Peter Fry (1972) e Yvoone Maggie (2005). Segundo Velosos e Tavolaro:

Não é de se surpreender que, com notável frequência, ao debruçarem essas grandes questões muitos de nossos cientistas sociais não hesitam em visitar os clássicos do pensamento social brasileiro. O motivo que os leva a assim proceder é evidente: em busca de chaves explicativas e interpretativas para decifrar o cenário social atual, aquelas figuras e suas obras revelam-se uma base de apoio segura e verdadeiramente repleta de valiosos insights (2011, p.2).

O termo democracia racial nunca foi pronunciado nas obras de Freyre, sendo sempre percebido nas entrelinhas de suas produções. Entretanto, seus leitores e posteriores comentadores realizaram interpretações que auxiliaram na disseminação da existência de uma democracia racial no Brasil. Partindo da negação conflituosa entre negros e brancos, acarretando assim, a construção de uma fantasiosa e harmônica relação entre as raças formadoras de nossa sociedade

Desta forma, Casa Grande & Senzala(1933) e Sobrados & Mucambos (1936), estão no cerne da disseminação do mito da democracia racial do meio acadêmico brasileiro. De acordo com Melo:

Gilberto Freyre é considerado o ideólogo da democracia racial, embora nunca tenha se referido, em casa grande e senzala, a esse conceito. É preciso distinguir o que Freyre propôs em seu livro e a ideologia que acabou difundida e associada em seu nome. Na política da memória esboçada por Freyre, há um realce nos momentos harmoniosos e de congraçamento, articulado com um antirracismo que tentava desmistificar estereótipos negativos sobre a presença africana na formação social brasileira. A democracia racial, na sua versão difundida, parte do antirracismo como petição de princípio, isto é, como se de fato os brasileiros não pudessem ser racistas (2009, p.6).

As interpretações que foram realizadas sobre as obras de Gilberto Freyre, perpassam na maioria das vezes sobre, a “ideologia” da existência de uma democracia racial no meio social brasileiro e do forte apelo sexual que nelas podem ser observados. Tendo recebido diversas críticas, principalmente,

de indivíduos ligados a inúmeros movimentos imbuídos na luta por afirmação social.

Ressaltamos que, ao inaugurar uma nova forma de análise sobre a sociedade brasileira e dos indivíduos que ela compõe, Gilberto Freyre, buscou uma reconstrução analítica sobre a vida privada dos brasileiros, perpassando entre a postura relacional entre negros e brancos e a vida sexual entre eles. Nas palavras de Freyre: "de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão do domínio colonial e na eficácia da ação colonizadora" (1950, p.103).

Nesta passagem, podemos observar que existia uma atração irresistível entre os corpos, que motivou a miscigenação entre as diferentes culturas responsáveis por nossa formação enquanto sociedade. Desta forma, inicia-se a construção do termo mulata(o)<sup>3</sup>. De acordo com Soliva:

Esse intercurso de corpos, como afirma o autor, obedeceu aos criteriosos gostos do colonizador branco. De acordo com Freyre, o colonizador desenvolveu logo que aqui desembarcou um gosto pelas mulheres não europeias, cujos os atributos estéticos atendiam aos seus mais diferentes institutos. Foi assim que a mulata apareceu nos escritos de Freyre como predileta para aplacar os prazeres do corpo do macho-branco. A construção social da mulata como genuína marca da mulher brasileira, sensual, voluptuosa teve no conjunto dos trabalhos de Freyre o seu maior defensor (2012, p.314).

Reverberando até os dias atuais, este termo é considerado como uma forma depreciativa entre os movimentos negros, pois, ele detém de um caráter limitador para a afirmação do negro enquanto negro, proporcionado e reafirmado desta forma, o discurso da relação harmônica entre negros e brancos, alavancando assim, a figura da mulata(o) como signo de uma identidade nacional.

---

<sup>3</sup> Palavra de origem espanhola, feminina de "mulato", "mulo" (animal híbrido, resultado do cruzamento de cavalo com jumenta ou jumento com égua). As palavras "mulato" e "**mulata**" foram usadas de forma pejorativa para os filhos mestiços das escravas que coabitaram com os seus senhores brancos e deles tiveram filhos.

As afirmações de Freyre relacionadas a uma miscigenação benéfica entre as raças, geraram uma serie de ressignificações discursivas no meio social. Pois, elas se naturalizaram de tal forma entre os indivíduos que, se aproximam de formas esdruxulas de compreensão social, sendo, quase que “impossíveis” de serem desconstruídas. Este mitos que circundam e moldam a nossa sociedade, estão presentes em todas as camadas sociais, mas evidentemente que, a camada dominante compostas por uma elite branca auxilia na perpetuação dos mesmos.

Desta forma algumas inquietações nos surgem, como desconstruir esse mito? o que está sendo realizados no âmbito jurídico para tais desconstruções? Qual o papel do professor e das instituições educacionais nos debates acerca da democracia racial? Evidentemente, não conseguiremos dar respostas a todas essas inquietações. No entanto, buscaremos apontamentos plausíveis sobre os mecanismos de desconstruções no imaginário social que, todos os indivíduos da sociedade detém dos mesmos tratamentos e das mesmas oportunidades.

### **1.1 A educação como possível mecanismo de desconstrução do mito da democracia racial.**

A educação formal sem dúvida alguma, sempre foi e será um dos caminhos para a emancipação dos indivíduos, em seu sentido libertador, das amarras cognitivas que o sistema do capital nos impõe. Entretanto, está tornando-se cada vez mais complexa a compreensão do real sentido da educação formal nos moldes que a concebemos hoje. Pois, estamos vivenciando uma sociedade convulsionada por uma enxurrada de informações e que tornou-se produtora de cientistas sociais e políticos formados em instituições de “ensino” como, *facebook* e *twiter*.

Coexistimos em uma sociedade que, a opinião (no sentido da ciência do achismo) carregada de valores morais e individuais, detém de mais peso e valor agregado para as análises sociais do que as produções acadêmicas



comprometidas com temáticas relevantes para a sociedade. No entanto, ressaltamos que, apesar do significativo avanço da inserção de indivíduos marginalizados do meio social na academia ocorrido nos últimos 12 anos, o acesso a tais produções ainda ocorre de forma restrita e limitada. De acordo com IBGE mesmo com este aumento, ainda o maior números de discentes nas universidades brasileiras são de indivíduos brancos e ricos

De acordo a pesquisa, em 2004, 54,5% dos estudantes do ensino superior na rede pública pertenciam à parcela 20% mais rica da população brasileira – com renda média por pessoa da residência de R\$ 2,9 mil. Dez anos depois, esse grupo ocupava 36,4% das vagas nas universidades públicas. Já a proporção de estudantes pertencentes ao quinto mais pobre da população, com renda per capita média de R\$ 192, era 1,2% em 2004 e chegou a 7,6% dos alunos de faculdades públicas em 2014. Em 2004, 16,7% dos estudantes pretos e pardos com 18 a 24 anos frequentavam o ensino superior, segundo a pesquisa, número que cresceu para 45,5% em 2014. Apesar do aumento, os negros não chegaram a atingir o percentual que estudantes brancos já apresentavam em 2004: 47,2%. Para esse grupo, o aumento verificado nos últimos dez anos fez com que 71,4% dos estudantes brancos de 18 a 24 anos estivessem na universidade (PNAD 2014).

Desta forma, o alcance social das produções acadêmicas não chegam de forma profunda no meio social, diferentemente de seus *concorrentes*, os veículos de comunicação e de interação social, que, tem infinitamente mais alcance no meio social, acarretando assim, a produção e formação de uma série de pseudocientistas que arrastam uma legião de seguidores que, aproximam-se da cognição de *papagaios adestrados*.

Partindo da concepção e das evidências que, a formação da nossa sociedade foi fundamentada a partir do massacre de negros (as) e de indígenas, tencionamos aqui, alguns apontamentos sobre as formas que a sociedade brasileira contemporânea lida com a inserção destes grupos marginalizados no meio social e, como ainda está presente no imaginário social coletivo a naturalização da subalternidade destes grupos.

Para além dos comuns problemas que a educação formal perpassa, e que tornaram-se naturais, como: salas lotadas, docentes mal valorizados, prédios desabando, processos de terceirização das instituições e a corrupção no repasse de verbas, incluindo as da merenda escolar, ainda existem, diversos fatores externos que contribuem de forma significativa para a atrofia cognitiva de alguns indivíduos. Neste caso, secundaristas que por motivo ou outro se vêm no direito de reproduzir discursos, preconceituosos, racistas e sexistas, reafirmando e legitimando desta forma, um processo segregacionistas que nós assola desde o início do século XVI.

Evidentemente, não trata-se aqui de uma generalização, mas sim, de uma reflexão sobre a práxis educacional e da força transformadora da educação, que em nossa ótica, está sendo executada de forma controversia para a manutenção da classe dominante. Mesmo tecendo uma análise sobre instituições de ensino privadas, ressaltamos que, os problemas estruturais não são marcas exclusivas da educação pública, pois, os discentes de ambas instituições fazem parte da mesma realidade, no entanto, em circunstâncias sociais diferentes.

Em 9 de janeiro 2003 foi decretada a lei de nº 10.639<sup>4</sup>, lei que regulamenta o ensino da temática História cultural Afro-brasileira nas instituições de ensino em do todo país. Vista e considerada por muitos como uma vitória para o processo da desconstrução do mito da democracia racial, entendemos que, somente a obrigatoriedade desta lei, assim como, centenas de outras não irá suprir as *exigências* que, grande parte da classe dominante

---

<sup>4</sup> O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B."Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras."Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. (Brasília, 9 de janeiro de 2003).

implica sobre a aceitação dos negros(as) e dos indígenas na participação da formação da sociedade brasileira.

No Brasil, até algum tempo atrás, tinha-se hábito de não se discutir temas que geram desconforto na elite dominante como; escravidão, patriarcalismo, ditadura civil-militar, união homoafetiva, demarcações de terras indígenas, participação dos negros (as) em altos cargos no mercado de trabalho, dentre outros temas. Pois, estes temas evidenciam de forma escancarada as desigualdades sócio-racial e as tentativas de manutenção do mito da democracia racial. À medida que o avanço das discussões sobre a inserção do negro na sociedade avançam, uma série de fatores contrários se iniciam. Vejamos os debates no senso comum sobre cotas para negros, indígenas e pobres nas universidades.

Desta forma, a ação do professor torna-se central na mediação dos debates que são levados para a sala de aula, pois, a desconstrução do mito da democracia racial perpassa este ambiente. Entretanto, salientamos que não é uma tarefa das mais fáceis de se realizar, tendo em vista o alto grau de naturalização que parte dos discentes detém sobre a condição do outro.

A existência de um não reconhecimento no outro, se entrelaça com os discursos meritocráticos e individualista que, são característicos do sistema capitalista, não permitindo assim a abertura para visões de sociedade que abrangem, o coletivismo e a igualdade entre os indivíduos. Estes fatores, somados a influência que os pseudocientistas e as instituições conservadoras que auxiliam na formação dos indivíduos, causam limitações profundas nas ações práticas dos docentes.

Neste sentido, a utilização do livro didático é de extrema importância, para auxiliar no processo de desconstrução do mito da democracia racial, mas, este material ainda é insuficiente, pois, os conteúdos programáticos que são encontrados nos mesmos são extremamente “enxutos” e direcionados para os anseios primários dos discentes, o tão famigerado acesso às universidades.

No livro didático, *Sociologia em Movimento*, da editora moderna, adotado neste ano de 2016 pelas instituições de ensino privado do município de Inhumas-Go, é perceptível a tentativa de se discutir com os discentes temas relacionados a desconstrução do mito da democracia racial. Em diversos momentos do livro as temáticas: diversidade, cidadania, relações de poder, raça, etnia e direitos humanos são retratadas, mas ainda de forma sucinta e complexa, pois, existe-se um tratamento intensivo em conceitos que necessitam de um amadurecimento maior dos indivíduos para a sua compreensão, em minha ótica, são reflexos de uma cobrança cada vez mais mecanizada nas provas de inserção nas universidades e a tentativa de se legitimar alguns autores.

Sendo assim, a inserção de novas metodologias e didáticas de mediação do conhecimento tornam-se necessárias, pois, a interação entre, os conceitos científicos e a realidade dos discentes encontram-se distantes, proporcionado assim, elementos para a disseminação de discursos rasos e às vezes esdrúxulos por parte dos discentes. Desta forma, entendemos que as produções artísticas se encaixam perfeitamente nessa mediação, neste caso, as letras músicas dos Racionais Mc’s.

### **1.2As letras dos Racionais Mc’s como ferramentas de desconstrução do Mito da democracia racial**

Indo na contramão das produções científicas, conduzidas pelos pertencentes do *olimp* intelectual brasileiro, estão as produções daqueles que são considerados pertencentes do *tártaro* intelectual, que em nosso julgamento, detém de um alcance e de uma contribuição muito mais abrangente que as dos *deuses canonizados* pela academia. É evidente a dificuldade ao acesso da produção acadêmica pelos indivíduos que não estão neste campo restrito da produção, mesmo tendo um aumento considerável nos últimos 12 anos do ingresso de indivíduos negros e pobres nas universidades brasileiras.

Tal aumento nos auxilia nas interpretações sobre as políticas públicas direcionadas ao acesso em cursos superiores no Brasil. Mostra que, as políticas de ações afirmativas são elementos primordiais na inclusão educacional e social de grupos e indivíduos marginalizados. Entretanto, existe um caminho longo a ser percorrido, fato que, pode ser observado e disseminado a partir da produção do conhecimento de indivíduos considerados pertencentes ao limbo do esquecimento intelectual, como exemplo, as letras musicais do grupo de rap Racionais Mc’s, que possui como bandeira de luta e prática discursiva, a periferia o negro e o pobre.

Em uma das rimas do grupo, é apresentada de forma evidente a dualidade social presente em nosso meio, como um soco no rosto da elite branca brasileira, a música capítulo 4 versículo 3, denuncia a triste realidade do negro pobre da periferia,

60% dos jovens negros de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial/ A cada 4 pessoas mortas pela polícia 3 são negras/ Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros/ A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo/ Aqui quem fala é primo preto, mais um sobrevivente (Sobrevivendo no inferno. 1997).

Sempre com teor provocativo, agressivo e direto, os Racionais Mc’s, “mandam” o seu recado para a elite branca brasileira *Minha palavra vale um tiro/ eu tenho muita munição*. Inseridos em conjuntura periférica, tanto da produção artísticas quanto da situação sócio racial, o grupo formado por: Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e Kl Jay, tornaram-se ícones no meio artístico e no cenário do hip-hop com a letra de seus raps e *samplers* como mecanismos de luta contra hegemônica. Estando de acordo com Contier (2005) sobre o significado e a significância do rap, julgamos que esta expressão artística contribui diretamente para as práticas pedagógicas no auxílio da desconstrução do mito da democracia racial

O rap caracteriza-se pela re-invenção do cotidiano através da oralidade de pessoas comuns que denunciam em suas canções problemas graves vivenciados nas situações sociais extremamente adversas e totalmente negligenciadas pelos Donos do Poder. Os rappers narram com as suas próprias vozes e olhares o cotidiano das cidades contemporâneas transfigurando-se em instigantes cronistas e críticos da modernidade. Os rappers não são heróis, em seu sentido romântico, mas a coragem de agir e falar sobre problemas da realidade e silenciados da vida cotidiana pela historiografia em suas canções marcadamente ritmadas e repetitivas levam a um novo tipo de inserção social, pois, agora, os despossuídos sociais começam a contar as suas próprias histórias não ajustadas a pensamentos políticos e ideológicos tradicionais, causando um certo "desconforto" entre setores das elites políticas e intelectuais.

Formado em 1988, na periferia da zona sul de São Paulo, o grupo Racionais Mc's, detém de uma intensa sensibilidade para questões sociais, políticas e econômicas, buscando sempre dar voz a periferia. Desta maneira buscam resgatar temas que causam desconforto na elite dominante como o racismo, movimentos sociais, a violência policial, a guerra entre os traficantes, jovens consumidores de drogas, a prostituição infantil, entre outros. Além disso participam ativamente de ações sociais realizadas na periferia de São Paulo.

Holocausto urbano (1990), Raio X do Brasil (1993) Nada como um dia após o outro (2002) e Cores e valores (2014) são os álbuns produzidos pelo grupo. No entanto, em 1997, lançaram o álbum "Sobrevivendo no Inferno", cuja tiragem atingiu 1.000.000 de cópias. Com este CD, os Racionais MC 's tornaram-se conhecidos em todo o Brasil. As faixas desse disco eram tocadas em praticamente todas as emissoras de rádio do país atingindo um público que envolvia todas as classes sociais. A partir desse momento, o diálogo entre as culturas dominantes e dominadas intensificou-se com a consolidação do rap como um gênero musical que saía dos guetos sociais originais. Sendo assim julgamos que é possível trilhar um paralelo entre as letras de rap dos Racionais Mc's e os conceitos presentes nos livros didáticos de sociologia do ensino médio.

No capítulo 5 do livro, Sociologia em movimento o conteúdo programático é: Raça, etnia e multiculturalismo, o cerne deste capítulo gira em

Revista Científica FacMais, Volume VII, Número 3. Ano 2016/2º Semestre. ISSN 2238-8427.

torno das práticas, que expressam estruturas hierárquicas socialmente construídas, em valorizar determinados grupos sociais em detrimento de outros. Assim, os métodos de discriminação e segregação materializam processos ideológicos fundamentados em preconceitos que refletem a hegemonia de um grupo social e a consequente subordinação dos demais.

Desta forma entendemos que a apresentação da música Racistas Otários do cd Holocausto urbano de 1992 nos serve como aproximação da teoria com a realidade dos discentes: “Cabelo cor e feição/Será que eles veem em nós um marginal padrão/50 anos agora se completam/Da lei anti-racismo na constituição/Infalível na teoria/Inútil no dia a dia/Então que fodam-se eles com sua demagogia/No meu país o preconceito é eficaz/Te cumprimentam na frente/E te dão um tiro por trás”. Acreditamos que, a apresentação da música na íntegra para os discentes nos fornecerá uma aproximação da vivência dos discentes, acarretando assim, o início da desconstrução de elementos arraigados e naturalizados por eles (as).

Neste mesmo capítulo é feita a utilização da perspectiva dos autores, José Jorge de Carvalho e Florestan Fernandes para a desconstrução das teorias elaboradas por Gilberto Freyre, que vão de encontro a suas próprias limitações sobre a posição da elite brasileira que, evidentemente não estava interessada em ser colocada em evidência sobre suas ações segregadoras.

No entanto trata-se de uma abordagem sucinta e insuficiente para a compreensão dos discentes, do real significado dos termos, democracia racial, miscigenação benéfica e a manutenção de uma elite dominante. Desta forma acreditamos que, a utilização da música, O homem na estrada, do álbum raio X do Brasil de 1993 reflete uma realidade próxima dos discentes, *Os ricos fazem campanhas contra as drogas/E falam do poder destrutivo dela? por outro lado promove e ganham dinheiro/ com o álcool que é vendido na favela*. Desta maneira, a utilização do livro didático seria mais elaborada e transversal com conceitos científicos.

Desta maneira julgamos que, é de extrema importância a mediação entre os recursos didáticos, livro e música, pois, mesmo que seja necessária uma desconstrução mais “agressiva” em determinadas turmas de discentes, a empregabilidade dos conceitos deve ser realizada de forma consciente e embasada. Para isso, o domínio do docente sobre os conceitos e a seu conhecimento sobre os discentes são fatores primordiais para a execução de um *bom* trabalho.

Um outro capítulo interessante do livro, que estamos buscando analisar, é o capítulo 10 que remete-se a Estratificação e desigualdades sociais. Que tem como centro de suas análises, as categorias, estrutura, estratificação e mobilidade social, enfocando elementos sucintos que transitam entre as determinações que organizam a sociedade como os aspectos econômicos, cultural, social, político e histórico de uma sociedade. Com uma abordagem profunda sobre as estruturas sociais brasileiras, este capítulo dá um enfoque maior a estratificação social constituída no país, apontando para elementos como: cor, raça, classe, gênero e orientação sexual dos indivíduos.

Para uma aproximação maior entre estes conceitos e categorias entre os discentes, pode-se ser utilizada a música, A vida é um desafio do álbum Nada como Um dia após o outro ( 2002), que apresenta um discurso de possibilidades e falta de oportunidades entre as classes mesmos abastadas: “Eu vejo o rico que teme perder a fortuna/ enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda/Falo do enfermo irmão/ falo do são então/ Falo da rua que pra esse louco mundão /que o caminho da cura pode ser a doença/ Que o caminho do perdão pode ser a sentença.”

A utilização da letra dessa música pode servir para uma apresentação das reais condições que os indivíduos marginalizados se encontram, mostrando desta forma a existência de mecanismos que *pinçam* indivíduos pertencentes a este meio, que por algum motivo conseguiram “sair” de uma camada inferior da sociedade, como exemplo: indivíduos negros e pobres que conseguem tirar nota mil na redação do Enem tornam se objetos de matéria de



*Flávio Henrique da Silva. “Ser um preto tipo a custa caro” entre a lança e a espada: a busca pela desconstrução do mito da democracia racial a partir das práticas discursivas do grupo racionais MC’S<sup>1</sup>*

veículos de comunicação, alimentando desta forma o sentimento de individualidade e fortalecendo a meritocracia. Fato este que em nosso julgamento encobre ou busca silenciar todo um conjunto de exclusão presentes em nosso meio social. Ainda nessa música é possível observar alguns trechos que corroboram para esta interpretação: “Não é areia, conversa, xaveco/ Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco/ ser empresário não dá/ estudar nem pensar/ Tem que tramar ou ripar para os irmãos sustentar/ Ser criminoso aqui é bem mais prático/ Rápido, sádico, ou simplesmente esquema tático/ Será instinto ou consciência/ Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência.”

Desta maneira, acreditamos que a aproximação entre conceitos científicos, neste caso sociológicos, e discentes deve-se ocorrer de forma que abrangente com a realidade de cada indivíduo inserido dentro do ambiente educacional. Pois, este distanciamento existente contribuem de forma negativa para a formação crítica dos indivíduos, acarretando assim, a continuidade de uma educação reprodutora e com caráter messiânico. As produções acadêmicas são de extrema importância, mas o que é produzido deve-se chegar na sociedade de forma que possa contribuir efetivamente para a vida cotidiana dos indivíduos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Evidentemente que deixamos de abordar diversos elementos presentes nos discursos das letras músicas dos Racionais Mc’s, como discurso de autovalorização, radicalização, sexíssimo, patriarcalismo. Entretanto a nossa proposta girou em torno das possibilidades de desconstrução do mito da democracia racial em ambientes educacionais utilizando mecanismos para além do livro didático. Desta forma, seria aqui inviável abranger toda a intencionalidade dos discursos dos Racionais Mc’s. Parafraseando Foucault, todo discurso tem um intencionalidade.

Revista Científica FacMais, Volume VII, Número 3. Ano 2016/2º Semestre. ISSN 2238-8427.

Nós restringimos aqui a elementos que são vivenciados cotidianamente por dos discentes e dos docentes, a nossa proposta aqui, não é nova e nem restrita a alguns docentes, existem diversos profissionais da área educacional que buscam alternativas para a aproximação das terminologias, conceitos e categorias presentes nos livros didáticos com a realidade dos seus discentes. No entanto, existe -se ainda um distanciamento entre pratica e teoria nas ações destes profissionais.

Vivemos em uma sociedade que está carente nas interpretações sociais, os valores e as morais estão prevalecendo no meio social, fato este, que pode causar danos irreparáveis para as futuras gerações de indivíduos. Temas que geralmente causam desconforto em uma classe dominante sempre são passíveis de silenciamento ou distorções de interpretativas. Desta forma julgamos que, um dos caminhos para amenizar este silenciamento é utilizar das armas que o próprio sistema nos oferece, neste caso, produções artísticas consideradas subalternas.

Sendo assim, este trabalho buscou apontar caminhos possíveis para os processos necessários da desconstrução do mito da democracia racial, a partir da pratica docente e das mudanças didáticas necessárias no ambiente escolar. Mas estamos cientes que o caminho a ser percorrido é longo, árduo e espinhoso, pois, a luta diária dos docentes não é justa chegando a ser desumana. Lutamos contra um sistema que abraça com seus tentáculos controladores os indivíduos que compõe a sociedade e as instituições que deveriam servir para a formação crítica dos mesmo.

*“Tenha fé, porque até... no lixo nasce flor”!  
Pedro Paulo (Mano Brown).*

## REFERÊNCIAS

*Flávio Henrique da Silva. “Ser um preto tipo a custa caro” entre a lança e a espada: a busca pela desconstrução do mito da democracia racial a partir das práticas discursivas do grupo racionais MC’S<sup>1</sup>*

BRASIL. Congresso. Senado. **Lei regulamentar nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Coleção de Leis da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2015.

CANDIDO, Antônio: **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. SP. ed. 2 cidades, v. 34. 2001.

CONTIER, Daraya Arnaldo. **O rap brasileiro e os racionais Mc’s**. Anais. 1º simp. Internacional do adolescente. Maio 2005. Disponível em [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100010&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100010&script=sci_arttext) Acesso em: 25/02/2016.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paul: Três, 1984(biblioteca do Estudante).

DE HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil: edição comemorativa 70 anos**. Companhia das letras, 2006.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes, vol. 2**. Globo Livros, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. RJ Ed. Graal. 1975

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala- Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo. Global Editora: 2004.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo. Global Editora.2004.

IANNI, Octavio. **Tipos e mitos do pensamento brasileiro**. In: Pensamento Social no Brasil. Edusc. Bauru, 2004

LOBATO, Monteiro. **Ideias de Jeca Tatu**. Globo Livros, 2008.

PNAD. In. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Banco de dados. 2014. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em, 25/02/2016.

PRADO JR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. Ed. Companhia das Letras, 2012.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Global Ed. e Distribuidora Ltda, 2015.

STRIEDER, Inácio. **Democracia racial- A partir de Gilberto Freyre**. In Perceptiva Filosófica. V.III. nº15.jan/jun. UFPE/Recife.2009

Revista Científica FacMais, Volume VII, Número 3. Ano 2016/2º Semestre. ISSN 2238-8427.

Flávio Henrique da Silva. “Ser um preto tipo a custa caro” entre a lança e a espada: a busca pela desconstrução do mito da democracia racial a partir das práticas discursivas do grupo racionais MC’S<sup>1</sup>

SOLIVA, Barcelos. Thiago. **Uma Cultura dos contatos: sexualidades e erotismo em duas obras de Gilberto Freyre**. In. Bagoas nº7. 2012. p. 309/329. ICS/UFRJ. RJ.

VELOSO, Mariza/TAVOLARO.B.F.Sergio. **Dossiê pensamento social brasileiro e latino americano**. In. Soc. estado. vol.26 no.2 Brasília May/Aug. 2011

MELO, César Alfredo. **Saudosismo e crítica social em Casa Grande e senzala: a articulação de uma política da memória e de uma utopia** Estud. av. São Paulo, vol. 23 nº 67. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142009000300031](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142009000300031) acesso em: 01/03/2016.

## MÚSICAS

Racionais Mc's. **Capitulo 4 versículo 3**. Álbum: Sobrevivendo no Inferno.1997.

\_\_\_\_\_ . **O homem na Estrada**. Álbum. Raio X do Brasil .1993.

\_\_\_\_\_ . **Racistas Otários**. Álbum. Holocausto Urbano.1990.

\_\_\_\_\_ **A vida é um desafio**. Álbum: Nada como um dia após o outro. 2002.